

EXPOSITOR: SÉRGIO ADORNO*

Desde meados da década de 70 vem crescendo no Brasil o sentimento de medo e insegurança, diante da expectativa, cada vez mais provável, de qualquer cidadão, independentemente de sua condição de raça, classe, cultura, gênero, geração, credo ou origem étnica e regional, ser vítima de uma ofensa criminal. As estatísticas oficiais de criminalidade indicam, desde há pelo menos duas décadas, de todas as modalidades de violência e crime, em especial aquelas que envolvem a prática de violência como os roubos, os seqüestros, os estupros e especialmente os homicídios. Em todo o País, o alvo preferencial dessas mortes são adolescentes e jovens adultos masculinos, em especial procedentes das chamadas classes populares urbanas. É muito provável que parte significativa dessas mortes se deva aos conflitos entre quadrilhas, associadas ou não ao tráfico de drogas. A esse quadro, conviria agregar graves violações de direitos humanos, entre as quais as mortes praticadas por policiais em confronto com civis, suspeitos de haver cometido crimes, como também aquelas cometidas por justiceiros e grupos de extermínio. Ademais, ao longo das décadas de 1980 e 1990, observou-se intensificação de casos de linchamentos em todo o Brasil, particularmente nas regiões metropolitanas de São Paulo (SP) e de Salvador (BA). A esse cenário agregam-se ainda as mortes violentas provocadas por tensões nas relações intersubjetivas que compreendem conflitos entre companheiros e suas companheiras, entre parentes, entre vizinhos, entre amigos, entre colegas de trabalho, entre conhecidos.

Desde a década passada, estudos sociológicos identificam, de modo geral, três ordens de explicações: a) mudanças nos padrões de criminalidade e violência; b) crise no sistema de justiça criminal; c) desigualdade sócio-econômica e segregação urbana. A tese que sustentava relações de causalidade entre pobreza, delinqüência e violência está hoje bastante contestada em inúmeros estudos. No entanto, não há como deixar de reconhecer relações entre a persistência, na sociedade brasileira, da concentração da riqueza, da concentração de precária qualidade de vida coletiva nos chamados bairros periféricos das grandes cidades e a explosão da violência fatal. Mapas

* Sérgio Adorno é professor no Núcleo de Estudos da Violência, do Centro de Excelência da Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

da violência, realizados para algumas capitais brasileiras como o Rio de Janeiro, Salvador e Curitiba e São Paulo (Cedec, 1996-97; NEV-USP, 2000) indicam que as taxas de homicídios são flagrantemente mais elevadas nessas áreas do que nos bairros que compõem o cinturão urbano melhor atendido por infra-estrutura urbana, por oferta de postos de trabalho, por serviços de lazer e cultura.